

O QUE AS CRIANÇAS DE 8 ANOS SABEM SOBRE A ESCRITA: O RETORNO À ESCOLA NA PÓS-PANDEMIA

Josiane de Assunção Marcelos¹

Valéria Barbosa Machado²

Eixo temático 10: Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo: A pesquisa em andamento aborda a temática da alfabetização no contexto da pós-pandemia da COVID-19. O objetivo é analisar as contribuições do *Programa de Escrita Inventada* na compreensão do princípio alfabético por uma turma do 3º ano, considerada não alfabetizada em 2022, de uma escola da rede pública estadual de Belo Horizonte. A metodologia empregada baseia-se no Programa de Escrita Inventada (ALVES-MARTINS, 2017) e se fundamenta em uma concepção fonológica, interacionista e sociointeracionista. A turma foi organizada em 5 grupos, sendo realizados diagnóstico inicial e final para conhecer os níveis de escrita das crianças antes e após as 8 sessões do Programa, conforme as hipóteses de escrita definidas por Emília Ferreiro (2011, 2022). Neste trabalho serão apresentados os resultados preliminares relacionados à análise dos diagnósticos de escrita obtidos ao contrastar as avaliações diagnósticas inicial e final. Os resultados revelam progressos consideráveis na escrita, com aumento na quantidade de relações pertinentes entre grafemas e fonemas.

Palavras-chaves: alfabetização pós-pandemia; escrita inventada; crianças de oito anos.

Introdução

De acordo com o estudo intitulado Cenário da Exclusão Escolar no Brasil - um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação (UNICEF, 2021), o número de excluídos, cerca de quase 5 milhões de crianças sem escola, é semelhante à marca do início dos anos 2000. Isso mostra que, durante a pandemia, com a interrupção das aulas presenciais, o Brasil regrediu duas décadas no acesso de meninas e meninos à educação,

¹ Mestranda pelo PROMESTRE/FaE/UFMG. Professora da Educação Básica do Município de Santa Luzia e Belo Horizonte. Contato: josianeassuncao8@gmail.com

² Professora doutora Associada da FaE/UFMG, Docente do Mestrado Profissional em Educação e Docência - PROMESTRE/FaE/UFMG. Contato: valeriabr@ufmg.br

indicando um “aumento na pobreza de aprendizagem”, isso representa um retrocesso na história do acesso à educação.

Diante do exposto, a pesquisa aborda a temática da alfabetização no contexto da pós-pandemia da COVID-19 e tem por objetivo analisar as contribuições do *Programa de Escrita Inventada* (PEI) na compreensão do princípio alfabético por uma turma do 3º ano, considerada não alfabetizada em 2022, de uma escola da rede pública estadual de Belo Horizonte. Neste trabalho, será feita análise dos diagnósticos realizados antes e após o PEI, evidenciando as apropriações do princípio alfabético feitas pelas crianças.

2 Fundamentação teórica

A apropriação do conhecimento sobre o sistema de escrita alfabético é um processo complexo que envolve diferentes habilidades e conhecimentos de leitura e escrita. Dizemos apropriação de conhecimento e não aprendizagem, pois o referencial teórico deste artigo apoia-se na psicogênese da língua escrita que por sua vez, é pautada em princípios piagetianos sobre a teoria do desenvolvimento cognitivo. Na qual, apropriar-se,

é um processo ativo de **reconstrução** por parte do sujeito que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento senão quando compreendeu seu **modo de produção**, quer dizer, quando o reconstituiu internamente (Ferreiro e Teberosky, 1986: 275).

Dessa forma, na apropriação do sistema de escrita alfabético, considerando a perspectiva da criança como sujeito cognoscente que age e interage com o objeto de conhecimento socialmente construído, a escrita, Ferreiro (2011, p. 21-22), traça para a escrita infantil “uma linha de evolução surpreendentemente regular (...)” distinguindo-se “três grandes períodos no interior dos quais cabem múltiplas subdivisões”, partindo da capacidade de distinção entre o modo icônico e não icônico; à construção de formas diferenciadas de escrita quanto à variedade e ao número de letras; até a fonetização da escrita na forma silábica, quando “a criança começa a descobrir que as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras partes da palavra escrita (suas sílabas)”. Neste último período está o centro de investigação desta pesquisa quando a criança, por assimilação, dirige sua atenção aos aspectos sonoros da palavra por ela escrita de acordo com o seu nível de conceitualização e apresenta como produto, uma escrita inventada, ou seja, aquela “escrita que antecede quase que imediatamente a escrita correta” (...) de acordo com os princípios de uma escrita alfabética (FERREIRO; TEBEROSKY por Soares, 2016, p. 233).

Promovendo a interação entre o sujeito e o objeto de escrita numa situação desafiadora a ser resolvida, temos o instituído Programa de Escrita Inventada, doravante PEI,

criado pela pesquisadora Margarida Alves Martins (2017) se fundamenta em uma concepção fonológica, interacionista e sociointeracionista. Fonológica, por considerar que escrever “encoraja as crianças a analisar palavras em unidades menores de sons e a relacionar esses sons com letras” (TREIMAN, 1998: 296, apud Soares, 2016, p. 230). É interacionista por se pautar em uma situação-problema, que desafia a criança a pensar e construir hipóteses para resolver o problema em questão e, no processo, essas hipóteses são testadas e podem ser refutadas ou confirmadas. É sociointeracionista porque adota como referência os princípios propostos por Vygotsky com foco na mediação do adulto e na aprendizagem colaborativa.

3 Metodologia

O Programa de Escrita Inventada (PEI) foi realizado em uma escola da rede estadual de Belo Horizonte, em 2022, na qual a pesquisadora atuava como supervisora pedagógica nas turmas do 3º ano. Antes de iniciar o PEI, foi feito um diagnóstico inicial para conhecer os níveis de escrita das crianças e, após a última sessão do PEI, um diagnóstico final. Sendo os diagnósticos inicial e final composto por um ditado ilustrado com verbalização da pesquisadora, contendo 8 palavras de um mesmo campo semântico (merenda escolar). Destas, foram selecionadas 3 palavras que apresentavam as estruturas silábicas que se pretende analisar: CCV (R/L); CVC (R/S/L); CVV, CV [nasal] (M/N).

A análise das avaliações diagnósticas fundamentou-se na perspectiva psicogenética da compreensão progressiva da escrita infantil e para explicar o percurso evolutivo da criança, citamos a classificação mais recente de Ferreiro (2022), que estabelece três níveis básicos de evolução da escrita: Pré-fonetizante, Silábico e Alfabético e, dois níveis intermediários: Silábico Inicial e Silábico-Alfabético.

PRÉ-FONETIZANTE	As propriedades da escrita são consideradas, no entanto, desvinculadas das variações sonoras na emissão oral propriamente ditas. Não há existência de escrita silábica, por isso a denominação é mais correta que Pré-silábico.
SILÁBICO	A escrita apresenta uma letra para cada sílaba, sem relação com seu valor sonoro. A escrita apresenta uma letra para cada sílaba, em relação com seu valor sonoro.
Silábico-Alfabético	Há passagem de uma letra (pertinente) por sílaba para duas letras por sílaba; com variação, pois algumas letras recebem uma interpretação silábica e outras são apenas parte de uma sílaba.

ALFABÉTICO (CV)	A quantidade de letras pertinentes é adequada à estrutura da sílaba. Duas letras para CV e para as sílabas complexas as letras são empregadas de acordo com a evolução intranível alfabético.
------------------------	---

Soares (2016) interpreta Ferreiro, explicando que a escrita silábica sem valor sonoro, diz respeito ao uso de uma letra para cada sílaba sem correspondência sonora. Já na escrita silábica com valor sonoro há correspondência sonora. O nível intermediário, denominado silábico-alfabético, a criança faz uso combinado de uma letra para cada sílaba com uma letra para cada unidade fonêmica da sílaba. A escrita Alfabética, considera a criança que escreve cada letra correspondendo a valores sonoros menores que a sílaba (SOARES, 2016, p. 236).

Para o desenvolvimento das sessões do PEI, as crianças foram organizadas em agrupamentos de 4 a 5 integrantes, em diferentes níveis de escrita: não alfabéticas a alfabéticas CV. Foram realizadas oito (8) sessões de 15 a 20 minutos, nos meses de novembro e dezembro de 2022. Foi proposta a escrita de 24 palavras, (03 por sessão) presentes na história “Bom dia, todas as cores”, de Ruth Rocha. A história foi selecionada e lida para as crianças durante os projetos escolares Parada da Leitura e Boas Vindas à Primavera, além de retomada nos episódios de pesquisas. A narrativa se relacionava com a temática dos projetos citados e com a concepção teórica da pesquisa, baseada na troca de ideias a partir da interação com os pares, o mesmo acontecia com o Camaleão protagonista da história.

4 Resultados e Discussão

No Programa de Escrita Inventada, as escritas produzidas pelas crianças resultam de um conjunto de reflexões produtivas e a evolução das hipóteses de escrita poderá ser verificada a partir dos exemplos que serão apresentados a seguir.

Considerando as palavras que se pretende analisar (CARNE e TROPEIRO), serão analisadas as escritas de duas crianças. A primeira criança, nível Alfabético CV, tentando escrever a palavra carne, escreveu no diagnóstico inicial CANI e no diagnóstico final CARNE, percebeu o valor sonoro da coda R, solucionou então a sílaba CVC sem apresentar problemas de desordem com pertinência comumente observados na escrita de consoantes em posição coda e, mostrou superar em sua escrita, o fato de que a letra E na produção da fala pode ter som de I.

No entanto, no registro da sílaba CCV, da palavra TROPEIRO, essa criança escreve a partir da estrutura CV, desejando escrever a sílaba TRO, escreve ROTO. “Ao grafar sílabas

CCV, os erros mais frequentes (...) são: *omissão* da segunda consoante; *metátese* – troca de posição da segunda consoante – e *epêntese* – intercalação de fonema” (SOARES, 2016, p. 316). Apesar da intercalação de fonema – epêntese, e do efeito de regularização sobre a sílaba CCV transformada em CVCV, houve por parte da criança uma tentativa de reajustamento de suas representações de escrita anteriormente assimiladas, acomodando as novas representações, e, “qualquer modificação da escrita no sentido de se fazer mais alfabética constitui uma conquista para a criança” (FERREIRO; ZAMUDIO, 2008, p. 221).

Outra criança também com escrita alfabética CV, escreveu CANI no diagnóstico inicial e estacionando na análise da sílaba CVC, sem perceber o fonema, escreveu CANE no diagnóstico final. Contudo, apresenta considerável evolução em sua escrita da sílaba CCV (TRO de tropeiro), apresentando-a convencionalmente, saltou de uma escrita no primeiro diagnóstico onde cada sílaba da palavra tropeiro era representada somente por uma letra: RPRO, demonstrando uma “centração cognitiva” privilegiada no aspecto consonântico da sílaba, evoluindo para uma escrita alfabética no diagnóstico final, quando já pôde escrever: TROPERO (FERREIRO, 2013, p. 72).

Então, a primeira criança é um exemplo da clara hierarquia de dificuldade entre sílabas, enfrentada por crianças no início da alfabetização, que segundo Ferreiro e Zamudio (2008) e Miranda (2009b: 413 por Soares, 2016, p. 314), resolve-se primeiramente a sílaba CV, em seguida a CVC e depois a CCV, por isso, das palavras escritas, somente a parte TRO de tropeiro ainda é um desafio a superar na escrita da primeira criança. Entretanto, a mesma hierarquia já não é possível perceber na escrita da segunda criança, que não venceu a escrita da sílaba CVC e demonstrou um avanço na escrita da sílaba CCV.

Na pesquisa, a maior parte das palavras escritas pelas crianças foram estruturadas a partir da sílaba padrão CV, o que nos leva a considerar a predominância do nível Alfabético CV entre as crianças participantes. Alfabetizadas em sílabas CV, mas em diferentes processos internos de reflexão produtiva sobre as estruturas silábicas que fogem ao padrão canônico, são esses diferentes processos que pretendemos valorizar neste estudo.

Mais aspectos relacionados à regularização silábica: quando uma sílaba complexa é transformada em canônica; ao acréscimo de letras e à duplicação da coda, estão sendo observados na análise de dados em andamento, porém, eles não serão considerados como deficiência na apropriação da escrita alfabética, ao passo que revelam os pontos desafiadores da compreensão da escrita, para os quais as crianças buscam respostas que satisfaçam sua intenção de escrever.

As pesquisas que utilizam a metodologia do Programa de Escrita Inventada, como a realizada por Resende e Montuani (2020), analisando a mediação pedagógica na escrita de palavras com estrutura silábica CVC e CV nasal, mostram que “ a articulação entre a escrita

inventada que expõe as formas de pensamento das crianças sobre o sistema de escrita e a mediação do adulto promove o avanço da consciência fonológica e fonêmica das crianças, potencializando o sucesso na alfabetização”. Nesta pesquisa, em função das análises precedentes - ao contrastar-se os diagnósticos e considerarmos as verbalizações da criança e as mediações realizadas durante as sessões do PEI, constatamos que o programa contribuiu para o progresso na escrita das crianças.

5 Considerações Finais

Analisando as contribuições do *Programa de Escrita Inventada* (PEI) na compreensão do princípio alfabético por uma turma do 3º ano, considerada não alfabetizada em 2022, conforme apontado como objetivo deste artigo, é possível concluir até o presente momento, que estas crianças de oitos anos após retornarem da pandemia e participarem do Programa, ou avançaram um nível em sua capacidade de conceitualização da escrita ou permaneceram em um mesmo nível de escrita, apresentando estas, progressos consideráveis neste nível, com aumento na quantidade de relações pertinentes entre grafemas e fonemas.

Ao entrar em contato com diferentes estruturas silábicas: CV, CV nasal, CVC e CCV, e perceberem a “realidade fonética” da palavra, as crianças relacionam letra e som (CAGLIARI, 1989); resolvem uma escrita complexa utilizando o já estabilizado modelo CV; realizam modificações nas demais estruturas silábicas: reduzindo os diversos padrões ao padrão CV, inserindo vogais, duplicando codas, representando a nasalidade, tentando enfim, soluções para a escrita da sílaba (FERREIRO; ZAMUDIO, 2008). Portanto, observa-se um domínio progressivo da escrita alfabética, revelando a atividade de apropriação da escrita convencional, com aprimoramento da capacidade de estabelecer conexões fonológicas entre a palavra ditada e a palavra escrita, indicando progressão na análise fonológica.

Ao final de uma das sessões do PEI, as declarações feitas por duas crianças revelam como elas se sentem ao participarem de situações de aprendizagem nas quais o seu jeito de pensar é valorizado.

- Luísa Eu quero morar aqui.
(M) Aqui? Nessa sala?
Luísa Sim
(M) Por quê?
Luísa Porque a gente pode escrever...
(M) Ah! Você gosta de escrever? Mas na sala de aula você não escreve?
(M) O que tá diferente da sala?
Júnia (...) copia do quadro.

- (M) Copiar do quadro não é a mesma coisa que escrever (...)?
Júnia Não. A gente tem que escrever o que a gente sabe. Tem que usar a nossa cabeça.
Júnia (...) a gente escreve o que a professora escreve. A gente que tem que ESCREVER.
(M) Você que tem que pensar sobre como escrever as palavras, não é? Qual letrinha é para cada som. Qual som vem de cada palavrinha.

Nesse procedimento de análise e estabelecimento de níveis de evolução da escrita não é suficiente levar em conta somente a palavra escrita como um produto final quantitativo; o processo qualitativo e as condições de produção devem ser considerados para a interpretação dos dados e conclusões de pesquisa. Ou seja, está posta a ênfase na importância, para a aprendizagem, das mediações e interações ocorridas durante a participação das crianças nas sessões do Programa de Escrita Inventada em detrimento das situações de cópia mecânica a que estão habituadas em contexto escolar. Resende e Montuani (2020), entendem que as estratégias de mediação podem ser apropriadas e selecionadas pelos professores para seu uso em sala de aula, pois seus princípios suscitam avanços na escrita das crianças. Segundo Ferreiro e Zen (2022, p. 2) “basta abrir espaços para que as crianças escrevam sem copiar e nos atrevermos a solicitar uma leitura dessas produções, para que surjam novidades dignas de atenção”, como a expressiva insatisfação apresentada pelas crianças por não se poder escrever o que sabem em sala de aula, apenas reproduzir o que a professora escreve no quadro.

¹ A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFMG/2022, com autorização da participação das crianças por meio da assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis” e do “Termo de Assentimento para Crianças”. Os nomes das crianças foram substituídos por nomes fictícios, assim como a escola estadual também não foi identificada.

Referências

ALVES MARTINS, Maria Margarida d’Orey; SALVADOR, Liliana; FERNÁNDEZ, Manuel. Montanero. “**Otro niño lo escribió así**”. **Ayuda educativa y resultados de actividades de escritura inventada**. Revista de Educación, n. 377, 2017, p. doi: 10.4438/1988-592X RE-2017-377-357, 2017. Disponível em: <https://www.educacionyfp.gob.es/revista-de-educacion/numeros-revista-educacion/numeros-anteriores/2017/377/377-7.html> Acesso em: 11 abr. 2023.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRO, Emilia; ZEN, Giovana Cristina. Desenvolvimento da Escrita em Crianças Brasileiras. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18 n. 49, 2022.

FERREIRO, Emilia. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**. São Paulo: Cortez, 2013..

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v.6)

RESENDE, Valéria Barbosa; MONTUANI, Daniela F. B. **A mediação pedagógica na Escrita Inventada de crianças no processo de alfabetização: palavras com estrutura silábica cvc e cv nasal**. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 36, p.1-36, jan. / jul, 2020.

SOARES, Magda. **Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. Belo Horizonte: Contexto, 2016.

UNICEF (2021). **Mais de 5 milhões de crianças e adolescentes ficaram sem aulas em 2020**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-04/mais-de-5-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-ficaram-sem-aulas-em-2020>. Acesso em: 19 mar. 2023.